

SOFISTAS

TESTEMUNHOS E FRAGMENTOS

BIBLIOTECA DE AUTORES
CLÁSSICOS

SOFISTAS

TESTEMUNHOS E FRAGMENTOS

Introdução de MARIA JOSÉ VAZ PINTO

Tradução e notas de ANA ALEXANDRE ALVES DE SOUSA
e MARIA JOSÉ VAZ PINTO

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

LISBOA

2005

Título: Testemunhos e Fragmentos
Autor: Sofistas
Edição: Imprensa Nacional-Casa da Moeda
Concepção gráfica: Branca Vilallonga
(Departamento Editorial da INCM)
Revisão do texto: Levi Condinho
Tiragem: 800 exemplares
Data de impressão: Maio de 2005
ISBN: 972-27-1359-0
Depósito legal: 225 063/05

APRESENTAÇÃO

Pretendeu-se com a publicação de *Os Sofistas — Testemunhos e Fragmentos*, pela primeira vez traduzidos para a língua portuguesa em versão integral, colmatar uma lacuna no panorama dos textos fundamentais de filosofia antiga e facultar um importante instrumento de trabalho a todos os que queiram conhecer mais directamente as doutrinas dos representantes da Primeira Sofística grega, que se desenvolveu na segunda metade do século V a. C.

Os sofistas aparecem na cena cidadina, no âmbito da expansão das instituições democráticas, como os primeiros educadores profissionais, especialistas nas artes da linguagem, nomeadamente na dialéctica e na retórica, suscitando na sua época reacções ambivalentes, marcadas pela admiração e pelo repúdio. No plano da hermenêutica, a leitura das suas teses deu também origem a interpretações díspares. Considerados como «filósofos» por Hegel, no século XIX, depois de terem sido durante séculos excluídos da história da filosofia e relegados para um segundo plano pela tradição pejorativa que sobre eles foi «construída» a partir da recepção platónico-aristotélica, os sofistas têm sido objecto de um amplo e ininterrupto processo de «reabilitação», conducente à situação actual de consenso quanto ao valor dos seus contributos para o pensamento ocidental.

As posições teórico-práticas dos sofistas, reconstituídas com base nas fontes disponíveis, revestem-se hoje da maior actualidade, podendo interessar não só aos filósofos, mas a todos os que se ocupam de questões acerca da linguagem e das artes da comunicação, abrangendo ainda os estudiosos das áreas de sociologia, de história da religião e de teoria política.

A presente tradução é precedida por uma introdução ao movimento sofístico, que visa proporcionar ao leitor um quadro genérico de referência, com algumas indicações relativas ao perfil dos sofistas e à sua inserção na sociedade grega, procurando caracterizar em termos sucintos estes pensadores, no plano dos factos e no plano das ideias, a partir das actividades por eles realizadas e a partir das doutrinas que lhes são imputadas. A bibliografia sumária que acompanha a introdução inclui, além das edições críticas fundamentais e de traduções de fontes, uma selecção de obras e de artigos, relevantes por razões diversas, para uma iniciação nos estudos sofísticos. Uma breve nota de informação biográfica, com dados relativos à vida e à obra dos diferentes sofistas, introduz a apresentação da correspondente doxografia e dos respectivos fragmentos.

A tradução foi realizada em estreita e continuada colaboração pelas duas autoras que investiram no trabalho comum um gosto partilhado pela cultura grega e a preparação que lhes advinha das suas formações específicas, respectivamente em filologia clássica e em filosofia antiga.

INTRODUÇÃO

Os SOFISTAS E A SOFÍSTICA

1. Os sofistas no seu tempo e os principais marcos da recepção da Sofística na tradição filosófica

Para dizer quem foram os sofistas e de que maneira se destacaram entre os seus coetâneos, o procedimento mais seguro e menos controverso é descrevê-los a partir da actividade à qual, de uma forma ou outra, se encontram ligados: o ensino da cultura geral e das artes da palavra. De facto, os sofistas surgem como os primeiros docentes profissionais, e a aprendizagem dos saberes em que reivindicam ser mestres apresenta-se como algo de muito valioso na época de transição, correspondente à segunda metade do século v a. C., em que a sua presença se impõe na vida cidadina, um pouco por toda a parte no mundo grego.

Oriundos de proveniências diversas, os sofistas associam ao desempenho da função pedagógica a condição de sábios itinerantes, exercendo, enquanto estrangeiros deslocados das suas pátrias de origem, uma influência política indirecta nas cidades onde se fixam e educam os jovens das famílias mais ilustres e mais poderosas.

O critério extrínseco da actividade profissional facultava-nos um elemento que permite estabelecer uma certa unidade na caracterização dos sofistas como promotores da nova educação, salvaguardando o caso excepcional de Crítias, e conhecer as diferentes modalidades em que desenvolveram a tarefa de mestres. A questão torna-se ainda mais complexa quando queremos caracterizá-los seguindo o critério intrínseco das respectivas doutrinas, porque, neste caso, se torna patente a multiplicidade dos seus pontos de vista, para lá das dificuldades inerentes à reconstituição das posições teóricas e práticas, que terão sustentado, agravadas pela escassez das fontes e pelos meandros da transmissão doxográfica. Tendo

em atenção as divergências que os separam, não obstante a eventual plataforma comum, coloca-se a dúvida de ser legítimo falar de uma Sofística ou de um movimento sofístico ou se devemos ater-nos apenas aos sofistas, considerados em si mesmos nas suas concepções individuais. Sofística e sofistas surgem naturalmente como os pólos de qualquer apresentação introdutória, e a dialéctica entre estas linhas de força será a trave mestra em torno da qual nos propomos estruturar os tópicos subsequentes.

Importa assinalar a aura de ambiguidade e de polémica que, desde os começos, acompanhou a sua intervenção na cena da vida social do seu tempo: os sofistas foram objecto de críticas negativas e simultaneamente admirados. Assim, o termo que os designa reflecte, na evolução das suas conotações, um processo que só poderá ser cabalmente entendido no contexto histórico-cultural que o condiciona. Primeiramente, «sofista» era sinónimo de «sábio» e abrangia não só o que se afirmava como detentor de saber especializado numa determinada área, como se aplicava, num plano mais genérico, a todo aquele que, conciliando a preparação teórica e a maneira sensata de orientar a sua vida prática, surgia aos olhos dos demais como protagonista do modelo de sabedoria¹. Para lá desta apro-

¹ G. B. Kerferd, «The first Greek Sophists», *Class. Rev.* 64 (1950), pp. 8-10, e *Images of Man in Ancient and Medieval Thought*, Studia Gerardo Verbeke ab amicis et collegis dicata, Louvain, 1976, cap. 1; cf. *The Sophistic Movement*, p. 24. Kerferd considera que a descrição da história do termo é demasiado esquemática e estaria marcada pela perspectiva de Aristóteles (*Metafísica*, 1), para quem todo o processo cognoscitivo vai do particular para o geral. Assim,

ximação que acentua o paralelismo entre a evolução de sophistes e a da própria sophia, será de se atender a uma outra abordagem significativa. O termo sophia liga-se inicialmente à sabedoria própria dos poetas, dos videntes, dos homens sagrados e dos taumaturgos, sendo o seu traço principal o carácter divino. Nesta perspectiva, o acesso ao referido saber advinha de uma espécie de experiência sobrenatural, que transcendia o plano meramente humano da aprendizagem e do exercício. Na sequência do desenvolvimento da polis, quando surgiram os sofistas como agentes ou professores de um novo modelo de paideia, deu-se uma modificação no conteúdo semântico do termo, pois este passou a designar esse tipo de novos mestres, com toda a ambivalência que a sua reputação provocava.

Veremos, a seguir, em que consistia esse ensino, no que respeita aos conteúdos leccionados e no que se reporta aos procedimentos adoptados para alcançar os fins visados. Para já, cumpre salientar que as reacções suscitadas pelos sofistas se revestem de uma dupla dimensão, marcada, por um lado, pela atracção, e, por outro, pela rejeição. Assim, eles eram, numa linha positiva, os transmissores de competências valorizadas no

«sofista» designou, em primeiro lugar, o indivíduo habilitado numa arte particular ou num determinado saber fazer; num segundo momento, passou a ter uma aplicação mais geral, abrangendo a sabedoria que se manifesta nos comportamentos ajustados do dia-a-dia; num terceiro momento, aplicou-se ao saber teórico, científico ou filosófico, em que avulta o interesse pelas razões das coisas e por uma explicação a partir das causas. Para Kerferd, deve ressaltar-se, de modo muito especial, a associação primitiva do «sábio, sofista» (σοφός, σοφιστής) ao «poeta» (ποιητής).

seu tempo como instrumentos decisivos do sucesso na carreira política e, de um modo geral, nos êxitos mundanos; eles apareciam, numa linha negativa, associados a uma espécie de espírito mercantil, que se tornava mal visto quando os bens em apreço eram «os alimentos relativos à alma» e não «os alimentos relativos ao corpo»².

Um dos motivos determinantes da hostilidade em relação aos sofistas foi o facto de eles exercerem o ensino mediante remuneração³. Não havia nenhuma relutância em admitir que os serviços e a prática dos ofícios deveriam ser pagos, do mesmo modo que a venda de mercadorias era feita a dinheiro, mas os sofistas declaravam ensinar uma forma de excelência muito particular, a arete política. Ora, um ensino desse tipo deveria processar-se no âmbito de uma relação pessoal, marcada pela dedicação do mestre ao discípulo ou do pai ao filho, pelo que o desempenho mercenário daquela actividade chocava as sensibilidades. Além disso, o facto de uma determinada formação se constituir em instrumento de promoção

² Cf. Platão, *Protágoras*, 312 b-314 b.

³ A questão da remuneração auferida pelos sofistas é atestada em numerosas fontes e constitui uma prova do carácter profissional da sua docência. Mas admitir como elementos determinantes para a caracterização de «sofista» a «itinerância» e os honorários recebidos pelo ensino ministrado não constitui, no entanto, um critério incontroverso. Sócrates foi visto por muitos dos seus contemporâneos como sofista, ou próximo destes, e Crítias, um dos oligarcas, detentor de considerável fortuna, integrou o núcleo dos sofistas antigos mais famosos, mas nenhum dos dois se ajusta a uma descrição em tais moldes. Cf., a esse respeito, G. Romeyer-Dherbey, no prefácio à versão francesa da obra de M. Untersteiner, *Les sophistes*, cit., II.

social envolvia factores complexos, susceptíveis de desencadear conflitos de interesses; a animosidade contra o «profissionalismo» dos sofistas radica noutra ordem mais ampla de considerações, ligada às próprias tensões internas da sociedade. Com efeito, até então a educação fora apanágio de alguns, veiculada no seio de famílias que herdavam, juntamente com os privilégios da riqueza, o acesso ao saber, e que defendiam o cariz hereditário das boas disposições naturais. A possibilidade de a educação ser aberta a quem quisesse, dadas as suas implicações, representava um risco social. Assim se compreende que a má vontade contra os sofistas tenha vindo sobretudo de dois campos extremos: dos meios ricos e conservadores, que não viam com bons olhos os sinais de mudança; da parte dos mais pobres, impossibilitados, por razões económicas, de recorrer aos serviços daqueles. A acção educativa dos sofistas teve como destinatários as elites e não as massas, o que não obsta a que, para lá das classes médias abastadas, das quais provinha a maioria dos alunos, muitos destes discípulos pertencessem a famílias aristocráticas, que pretendiam que os seus filhos se adaptassem aos novos tempos e obtivessem, por mérito próprio, as posições de destaque que apenas o direito de nascimento garantia até essa altura. Segundo salienta W. Jaeger, o que estava na ordem do dia, no início e meados do século V a. C. na Grécia, e em especial em Atenas, era ultrapassar o preconceito mítico das prerrogativas do sangue e fomentar uma educação baseada na conquista individual e comunitária do saber⁴.

⁴ W. Jaeger, *Paideia. A Formação do Homem Grego*, cit., pp. 312-313.

Os estudiosos dividem-se entre os que procuraram saber quem foram os sofistas e o que, de facto, fizeram e aqueles que se ocuparam do seu pensamento, indiferentes ao que eles empreenderam ⁵. Para todos os efeitos e em diversos campos, a recepção antiga dos sofistas primou pela ambiguidade. Num plano imediato, eles não se enquadravam, na óptica de alguns pensadores mais famosos, nomeadamente Platão e Aristóteles, nos parâmetros da filosofia, pelo que as suas concepções pareciam situar-se no domínio das opiniões que não tinham o estatuto do verdadeiro saber, confinando-se a uma sabedoria aparente.

Como Kerferd sintetiza, as censuras de Platão aos sofistas incidem em dois alvos principais: os sofistas não são pensadores sérios, são indivíduos imorais ⁶. A primeira acusação baseia-se numa ampla gama de razões, familiares aos leitores dos diálogos platónicos ⁷, tais como: os sofistas movem-se no terreno das aparências e dos fenómenos; desvirtuam o critério da verdade, fixando-se na doxa em detrimento da episteme;

⁵ Cf. G. B. Kerferd, *The Sophistic Movement*, cit., p. 10. Esta ideia é retomada e desenvolvida na apresentação da edição francesa da referida obra, *Le mouvement sophistique*, traduzida por A. Tordesillas e por D. Bigou, Paris, 1999, pp. 18-31, em especial pp. 21 e segs. (a apresentação é da autoria deste último).

⁶ *Ibidem*, p. 6.

⁷ Para uma introdução a esta problemática, indicamos como leituras fundamentais os diálogos platónicos *Fédon* e *República*, a que acrescentamos, pelo modo como permitem reconstituir o quadro em que se desenrolam os confrontos entre os sofistas e seus interlocutores, *Protágoras*, *Górgias* e *Eutidemo*; por fim, para a reconstituição das posições filosóficas dos sofistas, em particular de Protágoras, *Teeteto* e *Sofista* são textos indispensáveis.

argumentam com recurso a falácias, sobrevalorizando, na discussão erística, o sucesso imediato. A segunda acusação visa desmascarar as suas pretensões a educadores dos Gregos: os sofistas manipulam técnicas de engano (apate), em moldes arbitrários, transmitindo nos seus discursos simulacros das realidades, e não cópias genuínas dos modelos; contribuem para a desagregação ético-política da comunidade, mediante a crítica corrosiva aos fundamentos da justiça e ao culto dos deuses; valorizam os elementos passionais e contingentes na escolha pragmática do melhor, em vez de nortear as opções morais por princípios racionais e absolutos. No concernente a Aristóteles⁸, ressalta a crítica da Sofística como um saber aparente: os sofistas revestem a «máscara de filósofos», na medida em que efectivamente se desinteressam de dizer a verdade sobre a realidade, proferem discursos opostos sobre as mesmas coisas e o mesmo discurso sobre coisas que são e não são ao mesmo tempo, pondo em causa o próprio princípio de não contradição, e não se coíbem de iludir os seus interlocutores através de todo o tipo de expedientes.

O facto de os sofistas não serem «filósofos» aos olhos de Platão e de Aristóteles irá ter efeitos negativos na prática doxográfica subsequente que destes profundamente depende. O menosprezo em que eram tidos no plano teórico torna-se um desincentivo para o registo e a repetição

⁸ Cf., em particular, *Metafísica*, livro IV, e as *Refutações Sofísticas*. Para Aristóteles importa lutar contra os sofistas no próprio terreno em que estes se movem, o da argumentação, e dominar os procedimentos discursivos, a fim de neles detectar os diversos tipos de paralogismos.

das respectivas doutrinas, o que leva ao agravamento do já delicado problema das fontes. Estavam, assim, reunidas as condições para excluir os sofistas da tradição filosófica, e, como é sabido, tal situação manteve-se até ao século XIX, revestindo-se do maior impacto, em sentido inverso, as obras de Hegel⁹ e de Grote¹⁰, que constituíram os marcos pioneiros e decisivos numa certa maneira de encarar a história da filosofia e a natureza e o estatuto do movimento sofístico. Contra as versões segundo as quais os sofistas não eram pensadores sérios e difundiam doutrinas

⁹ Cf. G. W. Hegel, *Vorlesung über die Geschichte der Philosophie in Werke in Zwanzig Bänden* 18, Frankfurt am Main, 1971: nas referidas *Lições sobre a História da Filosofia*, Hegel sustenta que os sofistas, juntamente com Sócrates, foram os pioneiros na descoberta da subjectividade, demarcando-se da anterior especulação sobre a natureza. Importa assinalar, na sequência da interpretação hegeliana, a obra de Eduard Zeller, *Die Philosophie der Griechen in ihrer geschichtlichen Entwicklung* (Tübingen, 1844-1852), pelo grande impacto exercido sobre a historiografia posterior. Veja-se em G. B. Kerferd, *The Sophistic Movement*, cit., cap. 2, pp. 4-14, a reconstituição das principais etapas da história da hermenêutica relativa à Sofística.

¹⁰ Cf. George Grote, *History of Greece*, 10 vols., London, 1846-1856, vol. vii. O historiador insurge-se contra os responsáveis pela transmissão de uma falsa imagem dos sofistas, acentuando o facto de estes apenas terem em comum a profissão exercida e não compartilharem doutrinas. Defendia que era injusto culpá-los pela desmoralização dos Gregos, pois os sofistas limitaram-se a difundir opiniões correntes na sociedade de então. No entanto, a menção da inexistência de um fundo doutrinar próprio, ao inviabilizar a condenação em bloco dos sofistas, também dificultava a sua avaliação em moldes positivos.

imorais ¹¹ prevalece doravante a opinião de que os sofistas defendem doutrinas interessantes na óptica da filosofia e que, no plano do agir, os pontos de vista que veiculam, mais do que factores determinantes da crise de valores, então imperante, ou causas imediatas da perversão dos costumes, constituem «sinais dos tempos». As transformações ocorridas na segunda metade do século v a. C. contribuem para as mutações operadas nas vivências e nos conceitos, reflectindo-se na própria linguagem o desfazimento entre aquilo que se vive e aquilo que se pensa, pelo que Tucídides ¹² dirá que, muito embora as palavras sejam as mesmas, elas passaram a significar coisas diferentes.

¹¹ Cf. Henry Sidgwick, «The Sophists», *Journal of Philology*, 4 (1872), p. 289, testemunha, numa breve e contundente formulação, que se tornou clássica, a recepção típica da visão negativa dos sofistas, que vinha na herança da leitura platónico-aristotélica a respeito destes. É nessa perspectiva que B. Cassin aponta as duas vertentes que qualquer reabilitação dos sofistas tem de contemplar. Em relação à crítica platónica, é necessário valorizar o que Platão neles desvaloriza: no plano teórico, o primado dos fenómenos, das sensações, dos acidentes; no plano prático, o amor pelo poder e pelo dinheiro. Em relação à crítica de Aristóteles, importa encontrar, para lá da censura aristotélica ao *logou charis*, a positividade específica da racionalidade sofística e inquirir que tipo de discurso se instaura, quando se fala para não dizer nada: cf. «Du faux ou du mensonge à la fiction — (de *pseudos* à *plasma*)», in B. Cassin, ed., *Le Plaisir de Parler*, cit., pp. 6-8. Sobre o tema, veja-se também B. Cassin et M. Nancy, *La décision du sens, Le livre gamma de la Métaphysique d'Aristote, Introduction, texte, traduction et commentaire*, Paris, 1989, em especial pp. 42-50.

¹² Cf. *História da Guerra do Peloponeso*, 3, 82, 4-6.

Os contributos de Hegel e de Grote para uma recuperação hermenêutica da Sofística são inequivocamente relevantes, se bem que se situem em campos distintos: se se privilegia a perspectiva de Hegel, os sofistas são filósofos e, enquanto pensadores, constituem um momento necessário da história da filosofia; se se atende à perspectiva de Grote, os sofistas são profissionais do ensino, inocentes relativamente à decadência moral dos seus coetâneos e, nessa qualidade, constituem apenas um conjunto de indivíduos empenhados em torno da paideia¹³. Com base na obra de Hegel, é possível reintegrar de pleno direito os sofistas no domínio da filosofia e fazer um levantamento sumário das características mais relevantes do denominado «movimento sofístico». Partindo dos contributos de Grote, poder-se-ão indicar as práticas pedagógicas seguidas pelos sofistas enquanto educadores, mais do que apurar os efectivos conteúdos doutrinários correlativos a tais procedimentos. Assim, é incontestável a permanência de uma certa dialéctica entre a unidade e a multiplicidade, permitindo a listagem das afinidades, quer no plano das ideias quer no plano das estratégias de conduta, susceptíveis de facultar uma visão global unitária acerca da dita Sofística¹⁴, sem esquecer as muitas divergências

¹³ Cf. Didier Bigou, na introdução a *Le mouvement sophistique*, cit., pp. 20-21.

¹⁴ *Ibidem*, p. 21. A «Sofística» terá sido, antes de mais, uma noção elaborada no âmbito da reconstituição platónica do teor não das doutrinas dos sofistas, mas do que era susceptível de caracterizar uma atitude comum por parte destes, a qual, na óptica de Platão, se conota com o erro a denunciar. No decurso das considerações seguintes, usaremos «Sofística» como equivalente a «movimento sofístico».

e o pluralismo de pontos de vista irredutíveis a uma medida única e niveladora.

Desde o século passado até aos nossos dias, manteve um ritmo imparável a chamada «reabilitação» dos sofistas — na formulação expressiva da recensão de Clémence Ramnoux¹⁵ sobre a obra que Untersteiner dedicou ao estudo dos sofistas¹⁶; mas uma tal linguagem tornou-se descabida, na actualidade, pois os problemas deixaram de se colocar nesses moldes. Como assinala Livio Rossetti¹⁷, a recuperação relativa à maneira pejorativa de encarar os sofistas, «inaugurada por Hegel e depois relançada com energia por Grote, [...] completou já a sua carreira, dando lugar a uma recorrente reivindicação dos seus méritos, a qual se pode dizer privada doravante de um objectivo polémico preciso. Quem contesta hoje os seus merecimentos?» É objecto de um consenso alargado o reconhecimento da índole filosófica das doutrinas sofísticas e a relevância das mesmas na tomada de consciência das aporias fundamentais da história do pensamento. Subsiste, no plano metodológico, o intento de conciliar

¹⁵ Cf. Clémence Ramnoux, «Nouvelle réhabilitation des Sophistes», *Revue de Métaphysique et de Morale*, janv.-mars 1968, pp. 1-15, incluído em *Études Présocratiques I*, Paris, 1970, pp. 175-188.

¹⁶ Mario Untersteiner, *I Sofisti*, 2 vols., Milano, 1967 (1.ª ed. Torino, 1949). A obra contribui para dar a conhecer os sofistas, nas suas posições individuais, «instruindo» o processo concernente a estes, antes de propor qualquer «juízo» a seu respeito.

¹⁷ Cf. Livio Rossetti, «Bibliografia critica generale per la storia del pensiero classico — I sofisti», *Grande Antologia Filosofica* a cura di Umberto Antonio Padovani, Milano, 1966, vol. 32, 1984, pp. 67-86.

os dois vectores de uma investigação necessária: numa dimensão plural, visa-se o estudo dos sofistas em si mesmos, nas particularidades dos seus escritos e das posições doutrinárias, a reconstituir com base nas fontes disponíveis (por fragmentárias e limitadas que estas sejam); numa dimensão singular, importa aprofundar como é que a Sofística foi um movimento de pensamento, definindo-a nos seus contornos genéricos¹⁸. Referimos, nesta dupla orientação, alguns dos estudos mais importantes: no que respeita aos sofistas, considerados individualmente, a já citada obra de Untersteiner¹⁹, *I Sofisti* (Torino, 1949), representa um marco de referência obrigatória, tendo esta publicação sido acompanhada pela edição crítica dos respectivos testemunhos e fragmentos (Firenze, 1949-1962),

¹⁸ Essa terá sido a orientação fundamental que se depreende do importante artigo de Kerferd, «The Future Direction of Sophistic Studies», in G. B. Kerferd, ed., *The Sophists and Their Legacy*, Wiesbaden, 1981 (contendo os trabalhos apresentados no Colóquio sobre Filosofia Antiga, realizado em Bad Homburg, de 29 Agosto a 1 de Setembro de 1979); cf. A. Tordesillas, na apresentação da edição, em língua francesa, de M. Untersteiner, *Les Sophistes*, cit., p. xviii.

¹⁹ Mario Untersteiner, no prefácio da 1.ª edição de *I Sofisti* (Torino, 1949), declara o propósito de limitar a investigação às principais figuras de filósofos que impulsionaram o movimento de pensamento, conhecido sob a denominação de «sofística», estudando-os a partir das respectivas fontes. A edição crítica da doxografia e fragmentos, entretanto empreendida pelo mesmo autor, *Sofisti, Testimonianze e Frammenti*, 4 vols., Firenze, 1949-1962, acrescenta à anterior recolha de textos da edição de Diels-Kranz alguns novos excertos, julgados pertinentes.

ÍNDICE

Apresentação	7
--------------------	---

INTRODUÇÃO — OS SOFISTAS E A SOFÍSTICA:

1. Os sofistas no seu tempo e os principais marcos da recepção da Sofística na tradição filosófica.....	11
2. Os sofistas como educadores — a caracterização dos sofistas segundo o critério extrínseco da actividade profissional exercida.....	25
3. Os sofistas como filósofos — a caracterização dos sofistas segundo o critério intrínseco das posições teórico-práticas que lhes são atribuídas	32
4. A investigação sobre a Sofística, hoje. Tendências e actualidade dos estudos em curso	36
Nota sobre a presente tradução	41
Bibliografia sumária	43

TESTEMUNHOS E FRAGMENTOS

Sofística Antiga (DK 89)	51
Protágoras (DK 80)	55
Xeníades (DK 81)	93
Górgias (DK 82)	95
Licofronte (DK 83)	151
Pródico (DK 84)	155

Trasímaco (DK 85)	173
Hípias (DK 86)	183
Antifonte (DK 87)	201
Crítias (DK 88)	239
<i>Anónimo de Jâmblico</i> (DK 89)	273
<i>Duplos Discursos</i> (DK 90)	283